



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 5 (I)

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

Evocação da Mãria, 14.º Colóquio, Crónica 84, Jul. 2010

Sobrevalorizo as memórias de infância. Durante anos fui fiel admirador dos mares e adamastores, da sua imensidão, mistério, sortilégio e temor. Evocava a História Trágico-Marítima que tanto me marcara no liceu, quando me identificava com os pobres cativos e naufragos abandonados em terras hostis de cafres gentios, sem imaginar que eu mesmo naufragaria no Oriente. Nesta fase mais madura da vida, prezo as vagas das serranias transmontanas banhando as dunas de montes e fragas. Se as águas do mar do norte eram gélidas todo o ano, não menos frias as montanhas de Bragança, onde as marés vivas surgiam com grandes neves de dezembro a fevereiro, pintam alva a paisagem, autêntico estudo de paletas de cor durante o ano.

Contraste com o verde eterno que descobri nos Açores, onde o mar se assenhalaria de mim. Omnipresente em todos os lados da ilha, sempre a lembrar-me que a terra que piso é um mero oásis no meio do deserto de ondas alterosas nas inverniais insulares. Olhando em volta, estou rodeado da beleza verde perene que até causa náuseas. E agora que estou mesmo rodeado de mar por todos os lados, posso, de novo, sonhar com os montes. Curiosamente, cresci e amadureci a olhar o oceano, embevecido, apaixonado pelas ondas, seus movimentos, todo um ciclo lunar que me fascinava e me deixava embalar enquanto escrevia poesia. A lua, as marés, faziam parte do ciclo vital. Era no mar que encontrava a paz interior e a calma para resolver as contradições internas e os amores incorrespondidos. Com os anos voltei-me para o campo e montanhas que me propiciam a paz interior e a acalmia de que carecia para me concentrar.

Foi assim que em Bragança (2002) recommencei a escrever e nos Açores (2005) olhei com saudades transmontanas, para a terra tremida, montes e vacas alpinistas e desabrochou a veia crônica.

Em outº 2006, voltei a Bragança para mais um Colóquio da Lusofonia (6º). Senti uma sensação estranha a preencher o vazio interior. Na rua o ar fresco, muito seco da cidade. 16°C. Não chovia e fui a pé até ao restaurante Poças, local privilegiado de almoços e jantares, guardado no baú mítico das memórias desde os anos 60, bem antes de ter saído rumo aos Orientes exóticos e à Austrália. Na manhã seguinte caminhei até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo durante os anos que ali vivi. Revi os donos. O João quis lá ficar com o amigo luso-suíço Stefan. Depois, visitei uns primos diretos do avô materno, com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados (faleceriam com Alzheimer, num lar, em 2015).

E foi então, nesse dia, a metros da que fora a minha casa, nas “Varandas do Sabor,” na avenida do mesmo nome, frente ao castelo e ao presépio da colina de S. Sebastião, senti um apelo inesquecível. Senti-me transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo a viver na região.

Não sabia dizer, mas lembrar-me-ia do instante exato, lusco-fusco, senti a picada no coração, a dor profunda de alegria. Tinha encontrado as raízes. Senti os pés pesados colados ao solo.

Uma experiência como a que se sente quando se está apaixonado pela alma gémea para partilhar o resto da vida. Como alguém disse, a pátria não é o lugar onde nascemos, mas o lugar onde o coração habita. Ali estava bem visível. Descobri-a sem a procurar, instantânea e espontaneamente nas origens e raízes. Bragança mãria. Que disso não restem dúvidas. Jamais senti um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estou mais apegado àquela terra do que imaginei. Inenarrável sentimento. Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras. Para os que têm pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica.

Para os apátridas, sem bússola geográfica a marcar o ritmo de pertença, é fácil entender o que se disse. Um dia, tentarei explicar a afeição. Não se define. É inexpressável. Há muito que Sydney era a base terrena. Jamais sentira, antes deste momento mágico, um sentimento de pertença. Tal como o pai, que dizia ser de Afife, nascido no Porto, sempre me afirmei cidadão australiano, mas agora quando me perguntarem, direi TRANSMONTANO. De Bragança.

Nem de propósito li, no jornal que alguém radicado em Castelo Rodrigo há anos, dizia sempre “Quando me perguntam donde, digo que sou donde está o coração.” De facto, em Bragança ficou a alma. Podia ser habitada por nazis, espanhóis invasores, extraterrestres ou pelos maiores inimigos, sempre a sentiria minha. Essa sensação não se apaga, nem se limpa com lixívia, que para sentimentos não há branqueador que chegue.

Nada disto sinto em relação ao Porto onde vivi um terço da vida. Turisticamente, a Ribeira e a Foz do Douro espantosas em dia de borrasca, atraentes no período estival. Já a medieval Sé e as velhas ruas do burgo me deixam indiferente, desbaratadas em vez de estimuladas e recuperadas. O clima cinzento, gentes de sotaque desagradável e palavrões vernaculares, incómodos, agrestes e vulgares para ouvidos sensíveis. Pessoas macambúzias, preocupadas com futilidades. Vi gente em casas da Câmara, com carros novos, a almoçar e jantar em restaurantes e marisqueiras. Vidas sem um só livro. Mas gabavam o último modelo de telemóvel e TV de plasma.

Jantamos no Poças (pronunciado Pôças, assim como Sabor é pronunciado Sá-

bôr). A minha mulher reencontrou ex-alunos do Politécnico de Bragança, habituais voluntários do secretariado. Sempre alegres e contentes por a verem, sem que persistam elos de professor e aluno. Contaram projetos adiados e os já realizados. Histórias de conquistas e derrotas. O percurso de cada um que só se conta aos amigos. Tudo isto fazia uma pessoa sentir-se bem. Parecia que sempre os conheceria. Nem fui professor deles, embora tivessem assistido a palestras que dei na ESE.

Fomos ao dentista, relojoeiro e sapateiro, num ritual de repetir quotidianos. Recriei rotinas que já não eram. Reminiscência de tempos felizes, quando sonhei permanecer ali até ao fim dos dias. Repeti atos singelos como se nunca me tivesse apartado das calçadas, das casas com histórias centenárias. Idealizava que saíra dias antes e ora estava de regresso. Vinham recordações do tempo em que ali vivi. Não tinha a ver com pessoas, antes com o ar que respirava, a memória das pedras, das casas, do Castelo, o nascer e pôr-do-sol, o calor, o frio e a neve, trovoadas, os sotaques e a memória de tempos ancestrais que não vivi, mas que sentia como meus.

Passei hora e meia na feira, comprei fatos, sapatos, camisas, e o que a mulher e filho necessitavam. Na primeira tenda disseram que lá tinha comprado calças. Noutra, reconheceram o casaco. Rapidamente me enrouparam como novo. Se bem que fizesse compras, nas feiras trimensais não esperara ser recordado pelos feirantes, quinze meses depois. Fui denunciado pela roupa.

Encomendei no açougue, as típicas alheiras de fabrico artesanal, cuja falta sinto em S. Miguel. Na Austrália deliciava-me com os enchidos húngaros. Evoco com saudade o tempo em que a avó, tias-avós e primas em outubro enviavam alheiras; na Páscoa, folares e bolas de carne; e no verão, compota de ginjinha. Seguíram-me para Timor e Macau, Austrália não (ali não entrava comida estrangeira). Ainda sentia no palato o sabor distinto, que sempre me acompanhara como um cordão umbilical. paladares e odores que nunca se apagam do subconsciente.

Vi casas renovadas na urbe e Cidadela. A cidade galante, aprazível e bela. Paisagem até onde a vista alcança na Serra de Sanábria e nos montes do Parque Natural de Montesinho. No Largo do Tournal idosos repetiam tradições centenárias, agora que já não se mercadejava gado no local, ocupado por delegações bancárias e outras. Estavam em amena cavaqueira como haviam feito durante um século ao deslocarem-se das aldeias para a feira (3, 11 e 22 de cada mês). Recriavam a memória coletiva de um povo para quem as várias mudanças de local da feira e o progresso urbano pouco ou nada representavam, pois sabiam qual o lugar que ocupavam.

A parte de cima da Avenida do Sabor, ora denominada Cidade de Zamora, esventrada com modificação de passeios e eixos viários. Decerto a embelezaria mais. Não conhecia obras há quatro décadas, desde que fora rasgada ao última saída, rumo ao reino vizinho onde se ia ao supermercado ou meter gasolina mais barata. Proveito que sobrava para os espanhóis além de despertarem ódios antigos e rivalidades, nunca extintas na reconstrução da independência de Portugal, mas hoje esquecidos nas zonas de fronteira, onde cada país era uma extensão do outro.

Se bem que nalguns locais não se note diferença entre a fronteira que os homens marcaram e as pessoas que lá habitavam, como Rio de Onor, noutros a fronteira era um inconveniente, memória de contrabandos e de perseguições da Guarda Fiscal e da Guardia Civil. A história comum das gentes da raia era feita de famílias unidas ancestralmente pelo matrimónio, por interesses comerciais e o apoio mútuo que substituíam a atenção que as capitais dos dois Reinos não prestavam às gentes esquecidas naquele interior profundo de ambos os países. Surpresa foi ver o sonho antigo da Ponte de Quintanilha erguida por entre vales e montes.

Acabara a ridícula descontinuidade do IP4, pela estreita estrada de montanha, 6 km até à fronteira. A ponte completa e inaugurada em 2009. A autoestrada chegaria, dera os primeiros passos com o túnel do Marão nas entranhas da serrania (2009) antes de uma providência cautelar o parar seis meses. As obras iam progredindo em 2010 como ouvi na rádio que escutava na Internet a 1800 km de distância nos Açores, embora parassem por três anos até serem retomadas em finais de 2015, sendo inaugurado em maio de 2016. Continuo a escutar matinalmente os programas radiofónicos da região para fingir que faço parte daquele rincão.

O passeio levou-nos a Miranda, sempre bonita, limpa, recuperada. Receção com a Capa de Honras na Câmara. Visitas ao Museu, Biblioteca e Centro Cultural, fora de horas, partilharam o orgulho mirandês que falta ao resto do país.

Nota negativa para a velha funcionária da Sé que não nos deixou visitar a Catedral. O clero consegue ter destas simpatias. Talvez fosse a mesma megera que há anos fizera outra proeza. Desde 1980 que não fotografava o Menino Jesus da Cartolinha (não me deixava, vá-se lá saber porquê). Iria finalmente fazê-lo em 2008. Os dias passados na voragem da descoberta da mãria chegaram ao fim, hora de fazer as malas. O João delirando de alegria por rever o melhor amigo e a aldeia dele, Babe. Sem hipóteses de voltar na atual conjuntura.

(Continua em próxima edição)